

Um político, um autor, um ator são admirados a distância. Quando se dá o encontro pessoal com o ídolo, este não corresponde às esperanças. Então a opinião muda facilmente. O incrível golpe da sorte, a ventura de chegar até o quarto da diva, causa inevitável desilusão. Com as vestimentas, cai também a deusa. Eros alcança sua maior eficácia no inesperado, no que se acreditava inatingível.

Em meu caso não houve cortesias. Mantive-me normal, por muito que se aprofundassem em suas sondagens. É verdade que poucas vezes o normal coincide com o retilíneo. O normal é a constituição humana. O retilíneo é a razão lógica. Com esta, pude dar resposta satisfatória a suas perguntas. O humano, ao contrário, é tão geral e ao mesmo tempo tão oculto que não podem percebê-lo, assim como não percebemos o ar que respiramos. Por isso não puderam penetrar no anarquismo de minha estrutura fundamental.

Parece complicado, porém é muito simples, pois anárquicos somos todos nós. Isto é o normal. De fato, é um anarquismo ao qual, desde o primeiro dia, se impõem limites através do pai e da mãe, do Estado e da sociedade. São recortes, sangrias da força primitiva, das quais ninguém escapa. Há que contar com elas. Porém o componente anárquico continua no fundo, como um segredo inconsciente até para seus próprios portadores. Pode irromper lá do fundo, como lava, pode aniquilá-los e também libertá-los.

Mas cabe distinguir aqui: o amor é anárquico, o matrimônio, não. O guerreiro é anárquico, o soldado, não. O homicida é anárquico, o assassino, não. Cristo é anárquico, Paulo, não. É evidente que, por ser o anárquico o normal, também esteve presente em Paulo e às vezes também brotou poderosamente de seu íntimo. Isto, entretanto, não são contradições,

mas gradações. A história universal se move mediante a anarquia. Em suma: o homem livre é anárquico, o anarquista, não.

Se eu fosse anarquista e nada mais, me teriam desmascarado facilmente. Têm uma singular capacidade para detectar as pessoas que, furtivamente, “o punhal sob o manto”, tentam se acercar dos poderosos. O anarca pode viver solitário; o anarquista é um ser social e precisa buscar a colaboração de outros camaradas.

Como em toda parte, também em Eumeswil há anarquistas. Formam duas seitas: a dos benignos e a dos malignos. Os benignos são inofensivos. Sonham com Anos Dourados. Seu santo padroeiro é Rousseau. Os malignos invocam Bruto; reúnem-se em porões e águas-furtadas e também num quarto dos fundos do “Calamaretto”. Conversam juntos, passando por burgueses que bebem sua cerveja, e contam entre si um segredo indecente, que traem com seus risos abafados. A polícia os fichou. Quando chegam a formar células e contam com a colaboração de algum químico, a vigilância se intensifica. “Logo surgirá o abscesso”, costuma dizer o mordomo, a quem o Condor chama abreviadamente de “Domo”. Mantereí a abreviatura. Antes que o atentado se concretize, são encarcerados, ou então desvia-se o golpe em outra direção. Não existe nada mais eficaz contra uma oposição que começa a se consolidar do que poder atribuir-lhe um atentado.

O confuso idealismo do anarquista, sua bondade sem compaixão ou sua compaixão sem bondade transforma-o em elemento útil em muitos sentidos para a polícia também. Percebe um mistério, mas não pode passar disso: o imenso poder do indivíduo. Este poder